
INTRODUÇÃO DA COORDENADORA

Giulia Lanciani

Quando fui convidada no longínquo ano de 1983 para fazer parte da insigne família dos colaboradores do projeto «Archivos», a minha alma filológica ficou seduzida e lisonjeada pela perspectiva. A essa minha alma filológica devo a aceitação imediata e não refletida daquilo que mais tarde se viria a revelar uma aventura por regiões inexploradas e ásperas: a experimentação direta de uma nova metodologia crítica, de uma nova forma de aproximação ao texto literário contemporâneo, baseada na tentativa de reconstruir –através da documentação disponível– o caminho da criação poética.

As dificuldades começaram a apresentar-se já no momento da formação da equipa: muitos os entusiasmos espontâneos, logo seguidos por perplexidades e hesitações. Os primeiros especialistas que consultei mostravam apreciar a iniciativa, mas, no momento em que tomavam conhecimento do plano pormenorizado, manifestavam algum receio em enfrentar uma operação que lhes parecia demasiado complexa. Em geral, muitos dos colaboradores implicados na operação «Archivos», mesmo os partidários mais intrépidos da iniciativa, e quase todos os que a avaliavam desde fora, denunciavam um certo cepticismo sobre a efetiva possibilidade de a levar a bom termo e dentro de um prazo razoável. Agora sabemos que os pessimistas pecaram por incredulidade, porque no entanto os trabalhos de muitas das equipas –entre elas a que tenho a honra de coordenar– atingiram a meta, mas há quatorze anos não era de todo injustificada a suspeita reverencial perante a novidade de uma empresa sem dúvida ousada.

Depois de várias tentativas, consegui finalmente constituir o grupo de trabalho: começou então a procura do material textual (manuscritos e impressos) que podia apresentar interesse para a edição de *Libertinagem* e de *Estrela da Manhã*. A infrutuosidade das primeiras pesquisas me tinha quase convencido de que Manuel Bandeira ditasse diretamente ao tipógrafo o texto definitivo, perfeito de vírgulas e pontos e completo de gralhas. Mas logo, a cooperação cordial de muitos amigos –entre os quais não posso deixar de mencionar Carlos

Drummond de Andrade, Francisco de Assis Barbosa, João Condé, Plínio Doyle, Telê Porto Ancona Lopez— nos permitiu atingir o alvo: foram eles, com efeito, que puseram à disposição da nossa equipa quer os testemunhos conhecidos quer os «desconhecidos» (por pertencerem a fundos particulares): entre estes, o caderno preparatório da primeira edição de *Estrela da Manhã*, o manuscrito de 1946 do mesmo livro «autografado pelo autor Manuel Bandeira para seu querido amigo João Condé Filho», e a primeira edição de *Libertinagem* e de *Estrela da Manhã*.

Todas estas fontes documentais foram imprescindíveis para delinear a dinâmica da elaboração da obra. Mas pelo que diz respeito à questão da gênese de *Estrela da Manhã* e de *Libertinagem*, não menos importante destas fontes textuais se revelou o material para-textual: preciosas sobretudo as cartas de Manuel Bandeira a Mário de Andrade, além dos dois volumes *Itinerário de Pasárgada e Flauta de papel* que no conjunto constituem uma espécie de autobiografia literária. É verdade que nem sempre há que dar inteira confiança ao que afirmam os poetas acerca da sua obra: muitas vezes eles, mais do que escrever a história, se propõem apenas —e com todo o direito— inventar o «romance» dos seus textos; um romance que faz parte da evolução textual a par com os próprios textos. De qualquer modo, esse «guia» representa uma contribuição a mais para um conhecimento menos superficial dos mecanismos que presidem ao fazer-se poético.

Mas é essencialmente graças à participação valiosa dos colaboradores deste volume, que conseguimos refazer o itinerário não apenas textual como também histórico e cultural de livros que representam dois momentos básicos na experiência criadora do grande poeta brasileiro.